

A CIDADE DO PORTO E HARRY POTTER: A PAISAGEM IMAGINÁRIA¹

Oporto city and Harry Potter: the imaginary landscape

Valéria Cristina Pereira da Silva²

RESUMO

O olhar estrangeiro estendido sobre o horizonte da paisagem da cidade do Porto-Portugal proporcionou o encontro também com obra "Harry Potter e a Pedra Filosofal". Este contexto, despertou-me a busca pela paisagem imaginária e as conexões entre esta obra de ficção e a cidade o que resultou neste ensaio. Geografia, literatura e imaginário consistem em reflexões problematizadoras do contemporâneo trazidas também a luz das contribuições teóricas do imaginário para pensar os espaços vividos e a geograficidade. Deste modo, buscamos os sentidos da paisagem do Porto relacionados à obra de J. K. Rowling, sua biografia, seus trajetos e o que a ligou as tonalidades do imaginário da cidade em sua obra.

Palavras-chave: Geografia. Literatura. Imaginário. Espaço. Ficção.

ABSTRACT

A foreign looking out over the landscape horizon of Oporto city (Portugal) arranged the meeting with "Harry Potter and the Philosopher's Stone". This context awakened me up to looking for imaginary landscape and the connections between this work of fiction and the city results this article. Geography, literature and imaginary consist of problematizing reflections of contemporary brought to the evidence of theoretical contributions of imaginary to reflects the living space and the geographicity. At this way, we looking the senses of Oporto landscape related to J. K. Rowling's work, her bibliography, her path and what connect her and the imaginary layers of city in her work.

Keywords: Geography. Literature. Imaginary. Space. Fiction.

¹ Trabalho vinculado ao projeto: "Geografia e Arte: por uma epistemologia do espaço imaginário e as convergências simbólicas da paisagem".

² Prof^a. Dr^a. da Universidade Federal de Goiás, vinculada ao LAGICRIARTE-Laboratório de Geografia Criatividade e Arte do IESA/UFG – Instituto de Pesquisas Socioambientais da Universidade Federal de Goiás. vpcsilva@hotmail.com.

✉ Av. Esperança, s/n, Caixa Postal 131, Samambaia, Goiânia, GO. 74001-970.

O devaneio poético nos dá o mundo dos mundos [...] O mundo real é absorvido pelo mundo imaginário.

Gaston Bachelard (1998)

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em apresentar o espaço imaginário a partir da obra “Harry Potter” de J. K. Rowling, relacionando-o com as influências da paisagem do Porto-Portugal na geração dessas imagens literárias que se tornam também constituintes do imaginário da cidade. Ao explorar este tema na relação entre literatura, geografia e olhar estrangeiro, compreendemos que a obra “Harry Potter” é, hoje, um fenômeno literário global que se multiplica e dissemina imagens a partir da repercussão que obteve junto ao público e a crítica. As fontes biográficas sobre a autora J. K. Rowling trazem referências e ambiências dos espaços e das tradições culturais da cidade do Porto em Portugal na criação da paisagem imaginária de “Harry Potter”, pois lá atuou como professora de inglês na cidade do Porto no momento em que escrevia o primeiro livro da saga: “Harry Potter e a Pedra Filosofal”. Assim, o objetivo central deste ensaio é estabelecer a relação entre literatura, paisagem e imaginação para compreender as tramas espaciais na literatura e seus processos de ubiquidade e sensibilidade.

O aporte metodológico a ser seguido será a fenomenologia da imaginação de Gaston Bachelard, bem como, o estabelecimento das relações intersemióticas entre literatura, geografia e imaginário.

A fenomenologia bachelardiana apresenta-nos a perspectiva do estudo ontológico do imaginário e traz a imagem como um produto direto da imaginação. Bachelard (1993) nesta ontologia da imagem aborda que toda imaginação está presente também um espaço vivido e tal abordagem coloca-nos a possibilidade de desenvolver a leitura

da obra “Harry Potter” como um fenômeno cultural contemporâneo com suas especificidades, singularidades simbólicas e espacialidades imaginárias. Todo pesquisador que se coloca na posição de estudar as singularidades das obras de arte, na atualidade, como fenômenos e sintomas culturais depara-se com a inevitável questão: em que tempo estamos?

Essas obras falam de qual espaço-tempo? A pós-modernidade, entendida como um período que não é mais moderno, mas também não deixa de sê-lo foi marcada pela bricolagem, pelo esvaziamento nas artes, compreendido como pós-vanguarda e pela soma de muitos outros “pós”: pós-fordismo, pós-industrial, pós-estruturalista, pós-urbano, pós-humano, tal como a definiram Lyotard (2006), Soja (1993), Kumar (1997), Connor (1993) e Baudrillard (1991), ou ainda como a lógica cultural do capitalismo tardio, segundo Jameson (1997), contudo, essa pós-modernidade já não é mais mesma. Não apenas a modernidade tornou-se líquida, como definiu Bauman (1998; 2001), mas a própria pós-modernidade está líquida, ela também escorre e vaza, se não é, ela própria, o fator de liquefação. Da massa informe que se tornou o próprio conceito de pós-modernidade, vemos que ela já não concentra os mesmos conteúdos de reação característicos do seu “nascimento” simbólico como a queda do edifício Pruitt Igoe³, por exemplo. Contudo, dois elementos fundamentais que ajudaram a forjá-la, enquanto período histórico e cultural, parecem sobressair e marcar a nossa atualidade: a força das imagens das temporalidades pretéritas e não-lineares que podem ser acessadas facilmente pelos dispositivos tecnológicos que possuímos e são incorporadas na atualidade em forma de gestos, retomadas e releituras; e a emergência de novas

³ Simbolicamente, a modernidade teria acabado com a implosão do edifício Pruitt Igoe em Saint Louis, no Missouri – EUA. As formas degradadas de vida do conjunto foram atribuídas à sua forma moderna, segundo Harvey (1992).

formas de sensibilidade que afetam tanto a nossa percepção como nosso modo de sentir. Diante desse quadro, novas imagens parecem surgir no horizonte da cultura, com novos dispositivos de partida da imaginação e novas dinamizações organizadoras, tal como preconizou Bachelard (1993). A fase de liquefação da pós-modernidade parece fazer jorrar com mais força a fonte de Mnemosine – deusa da memória e mãe das musas – fazendo surgir, depois das imagens degradadas da modernidade, conforme expôs Eliade (1991), renascimentos míticos que nutrem as artes e a cultura de imagens novas e estão em plena floração.

É também uma tônica contemporânea, como afirmam Marandola e Gratão (2010), transformar o conhecimento, mantidos rigorosamente separados em gavetas pela modernidade, numa grande mesa de saberes em busca de reconexão. Esse, trabalho de caráter ensaístico, compartilha profundamente destas ideias e concepções de conhecimento. Pois “[...] a criação artística não é desprovida de roteiros e de procedimentos referenciados por contextos históricos e culturais [...] saberes que se tecem também pelos fios da espacialidade e da geograficidade [...]” (MARANDOLA; GRATÃO, 2010, p. 8-9).

O aporte teórico e metodológico tomado para esta investigação recai sobre a obra bachelardiana, principalmente, a parte correspondente àquela denominada por Bachelard (1998, p. 52) como **noturna**: “demasiadamente tarde, conheci a boa consciência, no trabalho alternado das imagens e dos conceitos, duas boas consciências, que seria a do pleno dia e a que aceita o lado noturno da alma”. Desse modo, tomando a própria divisão que Bachelard fez em sua obra como diurna e noturna; o noturno corresponde aos estudos da imaginação material, do devaneio dos elementos fundamentais da matéria – o fogo, a água, a terra, o ar – “A poética do espaço” e “A poética do devaneio”, “O direito de sonhar” e “A chama de uma vela” tornaram-se obras-chave na

presente análise que, recorre também as operações do olhar estrangeiro para com a paisagem que examina referente à cidade do Porto, em Portugal, e sua conexão literária com obra Harry Potter na abordagem relacional geografia, literatura e imaginário. Também importantíssima é a obra de Durand, nessa abordagem. Discípulo de Bachelard, Durand (1997) estrutura o estudo da imaginação simbólica em dois **regimes** fundamentais: **o regime diurno da imagem e o regime noturno da imagem**, que ampliam a compreensão dos estudos do imaginário, da dialética razão X imaginação e dos planos de significação simbólica divididos em dois grandes grupos, o diurno e o noturno, para os estudos culturais e antropológicos. Bachelard, desse modo, é uma referência central na estruturação dos regimes de imagens desenvolvidos por Durand (1997) o que nos permite compreender as faces do tempo, os diversos tipos de símbolos, os arquétipos, o isomorfismo e a isotopia dos mitos e o semantismo das constelações de imagens, bem como, os desdobramentos metodológicos da fenomenologia bachelardiana. Bachelard (1993) e Durand (1996; 1997), também reservam em suas obras um lugar privilegiado para a noção de espaço que buscaremos revisitar para tratar das questões do espaço na literatura. Na triangulação literatura, geografia e imaginário o estabelecimento das relações intersemióticas e mesmo trans-semióticas permitem-nos analisar a paisagem imaginária, ubíqua presente na literatura, na cidade e na imaginação em suas conexões e interfaces metodológicas, pois cada paisagem literária detém profundo conteúdo estético, portador de potenciais contemplativos, míticos e reflexivos. A partir do diálogo com as teorias e metodologias bachelardianas e durandianas, buscaremos explorar a temática da paisagem literária que trata das diversas formas em que ela pode se manifestar nas suas relações e interfaces, ou seja, a paisagem que vemos na cidade e aquela que está plasmada na literatura como forma cultural.

O livro central desta análise será o volume I – “Harry Potter e a pedra filosofal”, cuja escrita coincide com o período em que autora esteve residindo no Porto e foi influenciada pelas paisagens da cidade na elaboração e ambiência de sua obra.

A CIDADE DO PORTO-PORTUGAL E HARRY POTTER: PERSPECTIVAS DE UM OLHAR ESTRANGEIRO

A experiência que me leva a este ensaio foi uma estada na Cidade do Porto em Portugal, quando fui para uma conferência na Universidade do Porto em 2015. Nesse momento tive o primeiro contato com a Cidade e sua paisagem e nela além das temporalidades urbanas, também o elemento humano e as praxes⁴ portuguesas (Figura 1) um traje típico dos estudantes e sua simbologia. Ou seja, o interesse pela obra “Harry Potter” de J. K. Rowling (2015) do ponto de vista de um estudo geográfico e imaginário foi despertado a partir dessa experiência em conhecer a paisagem do Porto. Desse modo, não foi a obra que me levou à cidade do Porto, mas, ao contrário, a cidade e sua paisagem cultural e simbólica que me levaram a obra e ao seu reconhecimento.

As praxes – um conjunto de códigos de conduta, ações e comportamentos que inclui a indumentária tradicional dos acadêmicos da Universidade do Porto – tradição esta também encontrada em outras regiões e importantes universidades como de Lisboa e Coimbra. A indumentária que faz parte do *dress code* que compõe as praxes são compostas de longas capas pretas⁵ tanto masculinas como femininas, camisas brancas, gravata e calças pretas para os homens e saia preta para as mulheres. Contudo, as praxes não consistem apenas na

4 Composição de acessórios e indumentária dos estudantes universitários, parte das tradições culturais da cidade do Porto que formam um código de vestimenta.

5 Ver: Conheça... (2018); Pedro (2018).

indumentária, mas também de objetos e rituais, por exemplo, o aluno veterano mais “velho” de curso carrega o tempo todo uma enorme colher de pau. Depois, vim a saber que tais práticas e imagens são o cotidiano acadêmico e cultural da cidade do Porto em suas tradições. Mesmo sem conhecer, verdadeiramente, a obra “Harry Potter” até aquele momento e somente através das imagens que dela emanam e pululam até nós, advindas do universo midiático em que se insere, essa foi a primeira associação que me ocorreu, ou seja, “tudo ali era tão Harry Potter” foi a primeira impressão do fenômeno captada através do olhar estrangeiro nos seus impulsos de espanto e surpresa que se seguiram à pergunta aos colegas que me recebiam no Porto: “Tratava-se de uma festa do dia das bruxas?”. Após os esclarecimentos, exclamei que parecia muito com a ambiência do Harry Potter e fui imediatamente corrigida: “Não! É o Harry Potter que se parece conosco!”. Voltei de Portugal em 2015 com uma questão: que relações de fato teriam essa obra e a cidade do Porto? Nunca até então havia me interessado pelo fenômeno cultural Harry Potter. Para mim, era mais um fenômeno mercadológico do que propriamente cultural até aquele momento, mas foi a paisagem da cidade do Porto que me levou a conhecer a obra e depois a biografia e a cinebiografia de J. K. Rowling e de outros textos, com os quais tomei conhecimento das influências da cidade do Porto na produção literária de J.K. Rowling. Percebi, então, que haviam mais relações do que eu vislumbrei a princípio. Há inclusive vários sites que organizam um roteiro de lugares (CIPRIANO, 2016; BARRIO, 2017) na Cidade do Porto, suas imagens e suas tradições que se vinculam à obra “Harry Potter”.

As relações intertextuais entre a obra “Harry Potter” e a cidade do Porto são também analisadas a partir do estudo biográfico da autora. De acordo com Smith (2003), J. K. Rowling viveu no Porto em Portugal enquanto escrevia o primeiro livro da série – “Harry Potter – A pedra



Figura 1 – Estudantes e as praxes do Porto. Estudantes da Universidade do Porto-Portugal, com indumentárias que compõe as praxes, reunidos no fim do dia de uma tarde de primavera, no espaço público em frente à Universidade na cidade do Porto.

Fonte: V. C. P. Silva, 2015.

filosofal” – a Cidade do Porto, então, tornou-se o lócus dessa criação e, neste espaço, a autora teria escolhido seus itinerários favoritos: “o Café Majestic, na rua Santa Catarina, seu retiro predileto, pois Joanne podia sentar-se, fumar, bebericando o forte café português, e sonhar com magos” (SMITH, 2003, p. 71). Vários outros lugares no Porto foram para ela cenário de criação, onde nasceu o Harry Potter:

Para mudar de ambiente havia os jardins do Palácio de Cristal, uma linda área ajardinada perto do centro da cidade, onde, nos dias quentes, Joanne podia sentar-se debaixo das árvores com seu cappuccino e observar os patos no lago ornamental ou ouvir pavões-reais chamando atenção. A cidade do Porto conquista aos poucos. [...] “leva tempo até a gente conhecer o Porto. Lisboa é obviamente uma cidade linda, enquanto o Porto pode parecer

um pouco cinzenta. Mas tem uma grande história”. A cidade realmente tem romance, especialmente à noite. E há também o Ribeira, a margem do rio, a área mais bonita da cidade, onde Joanne se encontravam ao entardecer para comer pizza, beber vinho e ver o sol se pôr sobre o Douro. Seja lá o que for que a cidade do Porto representava para Joanne, libertava-se aí um espírito emocional e volátil que tinha ficado oculto nos confins de Tutshill [...] (SMITH, 2003, p. 71).

J. K. Rolling já tinha o embrião Harry Potter quando fora viver no Porto, mas, de certo modo, a novidade daquela paisagem o faz nascer de um modo singular. Lá, ela foi também uma estrangeira e como todos nós em um lugar estrangeiro não ficou isenta aos tons, as surpresas e aos sentidos do lugar.

O olhar estrangeiro, desse modo, é marcado pelo encantamento e pela tentativa de reprodução e recriação. Tal olhar é capaz de trazer uma nova sensibilidade, tanto para o visto em terras alhures, como para o rememorado e referenciado no local de origem. Aquele que chega, ao mesmo tempo que traz um outro modo de ser, também muda o seu ser no lugar.

Aquele que não é do lugar, que acabou de chegar, é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber. [...] Ele é capaz de olhar as coisas como se fosse pela primeira vez e de reviver histórias originais. Todo um programa se delinea aí: livrar a passagem da representação que se faz dela, retratar sem pensar em nada já visto antes. Contar histórias simples, respeitando os detalhes, deixando as coisas como são. O estrangeiro toma tudo como mitologia, como emblema. Reintroduz imaginação e linguagem onde tudo era vazio e mutismo. Pare ele estes personagens e histórias ainda são capazes de mobilizar. Ele é o único que consegue ver através dessa *imagerie*. Uma das encarnações mais recorrentes do estranho, do recém chegado é **aquele que retorna** (PEIXOTO, 1988, p. 363, destaques no original).

J. K. Rowling, viveu intensamente o período que esteve no Porto, que segundo a sua biografia, significou também uma paixão violenta e complicada. Desse lugar de experiência profundamente emocional e marcante nasceram sua filha e também Harry Potter. Segundo Smith (2003, p. 74) uma das ligações mais fascinantes entre Harry Potter e Portugal dar-se-ia por meio do poema de Antonio Gedeão intitulado “Pedra Filosofal” o mesmo título que a autora dá ao primeiro volume de Harry Potter. De acordo com Smith (2003), “Pedra filosofal” é o poema mais conhecido deste aclamado escritor português conhecido também pelo pseudônimo de Rômulo de Carvalho e os versos foram musicados tornando-se um fado popular, imortalizado na voz de Manoel Freire. Este poema trataria da importância do sonho e estaria ligado ao mundo imaginário de Joanne Rowling, que depois tornar-se-ia a célebre J. K. Rowling.

Pedra Filosofal

Eles não sabem que o sonho
é uma constante da vida
tão concreta e definida
como outra coisa qualquer,
como esta pedra cinzenta
em que me sento e descanso,
como este ribeiro manso
em serenos sobressaltos,
como estes pinheiros altos
que em verde e oiro se agitam,
como estas aves que gritam
em bebedeiras de azul.

Eles não sabem que o sonho
é vinho, é espuma, é fermento,
bichinho álaçre e sedento,
de focinho pontiagudo,

que fossa através de tudo
num perpétuo movimento.
Eles não sabem que o sonho
é tela, é cor, é pincel,
base, fuste, capitel,
arco em ogiva, vitral,
pináculo de catedral,
contraponto, sinfonia,
máscara grega, magia,
que é retorta de alquimista,
mapa do mundo distante,
rosa-dos-ventos, Infante,
caravela quinhentista,
que é Cabo da Boa Esperança,
ouro, canela, marfim,
florete de espadachim,
bastidor, passo de dança,
Colombina e Arlequim,
passarela voadora,
pára-raios, locomotiva,
barco de proa festiva,
alto-forno, geradora,
cisão do átomo, radar,
ultra-som, televisão,
desembarque em foguetão
na superfície lunar.

Eles não sabem, nem sonham,
que o sonho comanda a vida.
Que sempre que um homem sonha
o mundo pula e avança
como bola colorida
entre as mãos de uma criança.

(GIDEÃO, 2006).

Embora Smith (2003) afirme que a influência mais marcante de Portugal sobre a obra Harry Potter seja o poema a pedra filosofal, acredito que a influência mais importante e decisiva seja a paisagem

A cidade do Porto e Harry Potter: a paisagem imaginária
Valéria Cristina Pereira da Silva

da cidade do Porto, da qual a autora empresta a magia e o imaginário e os transporta em forma de sentidos para a sua paisagem literária. O próprio poema de Antonio Gedeão contém várias palavras-chaves que caracterizam a obra Harry Potter tais como: alquimista, mapa do mundo distante, magia e perpétuo movimento. Pois “a magia” de J. K. Rowling põe tudo em movimento desde as milhares de velas que flutuam no ar, o xadrez de peças vivas que se movem no tabuleiro até os ícones que se movem nos retratos. Magia é o movimento que faz pintar o sonho com palavras e dar-lhe cor, por em tela, até tudo chegar as grandes telas mágicas do cinema. Magia dentro de magia que Rowling toma emprestado do imaginário, da tradição do Porto. Também o poema que sugere o título do livro “Harry Potter e a pedra filosofal” é uma espécie de tradução histórica e temporal do itinerário do sonho e do percurso do sonhador, nas tradições de um país que soube sonhar e conservar as imagens num movimento progressivo, sonho como sinónimo de salto. De certo modo, a obra de J. K. Rowling, compartilha o mesmo destino.

PAISAGENS E LUGARES DA FICÇÃO EM HARRY POTTER

A obra Harry Potter cita vários lugares reais e ficcionais em Londres, na Inglaterra, e no mundo, cidades, países, continentes tais como Majorca, Romênia, África, muitos outros lugares e até o Brasil é citado na fuga de uma jiboia, libertada por Harry Potter de um vidro no Zoo (ROWLING, 2015, p. 26). A autora mistura nomes em inglês e português, mas o Porto não é diretamente citado, porém, muito de suas paisagens culturais são evidentes no imaginário do livro.

A relação da obra “Harry Potter” com a paisagem da cidade do Porto em Portugal figura como espaço imaginário, constituído de símbolos,

tradições e imagens culturais e, assim, compreendemos que ela está modelada na obra “Harry Potter” de J. K. Rowling e que contém, de algum modo, a cidade. Assim, destacamos as relações de ubiquidade da paisagem imaginária – tanto a paisagem em sua manifestação ficcional-literária como físico-geográfica – pois o mesmo espaço imaginário está presente tanto no espaço “físico” como ficcional e manifesta-se em forma de paisagem e lugar numa relação de ubiquidade entre literatura e geografia.

A cidade do Porto está no mundo mágico de Harry Potter, um lugar feito de tempo e memória alquimicamente forjado de magia às margens do mar, em sua ourivesaria líquida. A cidade do Porto é uma cidade flutuante encrustada nos séculos, sua paisagem celebra as lembranças de outrora e oculta o desencantamento da modernidade. O Porto estampa em cores vivas um portal narrativo e temporal em sua paisagem, torres e catedrais, o alto e o baixo, os telhados derramam-se numa trama de tons quentes e contrastam com os azuis dos azulejos. Azulejos que narram histórias azuis, contadas nas próprias edificações. As cores do vinho, vermelho, rubro, rosa ou o mais envelhecido de tons laranja fazem parte desses sentidos alquímicos. Suas praxes misteriosas evocam anjos ou bruxas formando uma legião vestida de preto. A veste dos estudantes e o betume das ruas assinalam a noite da Ribeira. Como não pensar em magia? Cogitamos que o mundo dos “trouxas” pode ser a moderna paisagem londrina, mas o embarque na plataforma da estação nove e meia para Hogwarts, de algum modo, nos leva a cidade do Porto.

A cidade também se apropria da lenda (LASSAN, 2018) e narrativas diversas recriam o itinerário “mágico” de J. K. Rowling na cidade do Porto, elencando os seus lugares favoritos tais como o Café Magestic, a Livraria Lello, A Escovaria de Belmonte, a Universidade do Porto,

A cidade do Porto e Harry Potter: a paisagem imaginária
Valéria Cristina Pereira da Silva



Figura 2 – Paisagem da Cidade do Porto vista da Ribeira.
Fonte: V. C. P. Silva, 2015.

como a Universidade de Coimbra e seu código de vestimenta. A Fonte dos Leões, a Torre dos Clérigos e o Palácio de Cristal. Tudo parece ser fonte de inspiração e criação.

A paisagem imaginária cria sentidos literários que vão desde o letreiro de um comércio de vassouras à inscrição de mais de sete séculos de tradição e cultura, isso é absorvido imaginariamente, tal como afirma Bachelard (1988, p. 13-14) “há horas na vida de um poeta em que o devaneio assimila o próprio real. O que ele percebe é então assimilado. O mundo real é absorvido pelo mundo imaginário [...] a imaginação é capaz de criar aquilo que vemos”. Quando o personagem Harry Potter tem a primeira visão de Hogwarts, ele está a margem de um grande lago:

O caminho estreito se abria de repente até a margem de um grande lago escuro. Encarrapitado no alto de um penhasco na margem oposta, as janelas cintilando no céu estrelado, havia um imenso castelo com muitas torres e torrinas. – Só quatro em cada barco! – gritou Hagrid, apontando para uma flotinha de barquinhos parados na água junto à margem [...] (ROWLING, 2015, p. 84).

A chegada de Harry Potter à Hogwarts parece conectar-se a própria chegada de J. K. Rowling na cidade do Porto:

Tomou o avião em Manchester numa manhã fria e nublada de novembro, e o primeiro vislumbre que teve da nova cidade foi quando olhou pela janela e viu o magnífico rio Douro correndo diante de seus olhos. A cidade do Porto está numa posição magnífica na desembocadura do rio, que se estende em direção à margem do oceano Atlântico (SMITH, 2003 p. 69).



Figura 3 –Interior da Livraria Lello. Escadarias.
Fonte: V. C. P. Silva, 2015.

De acordo com Marandola e Gratão (2010), um estudo de geografia literária não é para descrever paisagens, mas para evocar sentidos que só a arte literária pode imprimir e evocar dos lugares. Um conceito do mundo sensível, que envolve a linguagem e o sujeito, a emoção e o ser. Um saber que escava, através do olhar e da palavra, uma paisagem, que pode, até então permanecer invisível. A literatura e a cidade é um caso de intersemiose, assim como afirma Calvino (1990, p. 17) ao descrever a cidade de Tamara: “os olhos não veem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas”. Quantos símbolos do espaço e do tempo da Cidade do Porto estão agora alojados, multiplicados e ressignificados na vasta obra de J. K. Rowling que se multiplica pelo mundo, a todo tempo recria-se numa teia infinita de intersubjetividade. Na paisagem literária está o sujeito que escreve, o sujeito que lê, o sujeito que busca os lugares sonhados e o lugar que espera pelo viajante.

Quanto simbolismo há nas torres, nas margens, nas águas que é preciso atravessar para chegar ao outro lado e alcançar uma cidade banhada por uma laguna (SILVA, 2017). A própria arquitetura é em parte pedra, em parte sonho.

A compreensão da aglutinação geográfico-literária da paisagem pode manifestar-se de diferentes formas, segundo Romancini (2005, p. 26-27):

[...] podem distinguir-se, assim, diferentes tipos de paisagens: visuais, como as que oferecem a pintura, verbais, que estão plasmadas na literatura, e construídas, que podem abarcar desde um parque ou jardim, até as paisagens naturais, rurais ou urbanas [...] todas essas paisagens podem ser entendidas como imagens culturais.

Ou ainda como afirmou Schama (1996, p. 16-17) nesta mesma direção: “antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças

quanto de estratos de rochas”. A paisagem cultural pode ser aqui compreendida como uma categoria espacial plena de convergências simbólicas, tal como a interpretaram também dois geógrafos de filiação bachelardiana, Tuan (2012) e Dardel (2015) que trouxeram para a geografia os conceitos cunhados por Bachelard, como a topofilia, bem como questões relativas ao espaço simbólico e à imaginação geográfica e, mesmo, uma geosofia para firmar as relações imaginárias que envolvem o homem e a terra, Dardel (2011). Tuan (2012) apropria-se do conceito de **topofilia**, formulado por Bachelard (1993) e aprofunda a abordagem sobre as relações afetivas para com o espaço em forma de lugar e paisagem.

A paisagem, neste sentido, é vista como o cenário da emoção, também como palco e drama do sentimento. Dardel (2015), por sua vez, modeliza o espaço ao ritmo dos elementos fundamentais da matéria (água, terra, ar), tais elementos estão também presentes na obra bachelardiana e, assim, para este autor, o espaço é material e dividido em aéreo, telúrico, aquático, construído e a paisagem é um desdobramento simbólico: “[...] Ela não é verdadeiramente geográfica a não ser pelo fundo real e imaginário, que o espaço abre além do olhar” (DARDEL, 2015, p. 31). Desse modo, para compreender o simbolismo e as tradições culturais que envolvem paisagem e literatura na obra de J. K. Rowling, é fundamental vê-la através do imaginário e do simbólico, como traços fundamentais no processo de criar e recriar e que são geradores tanto de significações do urbano como de modos de sentir e perceber literariamente a cidade.

Para estabelecer esta relação entre paisagem e literatura é preciso abrir uma janela para o sensível, no qual se faz presente o cruzamento de diversos tipos de imagens que correspondem a traços de memória e do imaginário e compreender que é isso que, verdadeiramente, constitui a paisagem urbana, como afirma Peixoto (2003). A literatura

pode interferir num lugar, numa paisagem. Em um duplo trânsito, a literatura tanto se apropria e cristaliza o imaginário social da cidade como é responsável por criar novas imagens, intensificado esse imaginário e seu simbolismo. Além de registrar a paisagem, o espaço-tempo, a memorabilia de uma cidade, percebemos também que há questões bastante profundas, muito além de descrições e registros, ligados a mútua intervenção da literatura para com o lugar e do lugar para com a literatura. Numa dobra de invenção, a literatura que registra, descreve, guarda aspectos do tempo e é também capaz de modelar um espaço, imprimir-lhe uma estética, segundo Silva (2015). De acordo com Sansot (2004, p. 612), “A evidência do êxito literário é a inspiração dos cidadãos. Para o desabrochar poético de qualquer livro é incontestável a emergência de certos lugares”⁶. Assim, a cidade é, por excelência, o lugar da vivência literária, onde o texto urbano transforma-se em páginas escritas. Contudo, tanto a literatura como a cidade são detentoras de uma paisagem intercambiável, ubíqua e plena de sentidos. A cidade, conforme estabelece Gomes (2008), contém várias histórias que atuam gerando e sendo geradas por textos. O Porto-Portugal trata-se de uma cidade-texto, na perspectiva de Gomes (2008), para a qual a cidade imaginária, escritural, pictural e literária é tecida também de fios mnemônicos e simbólicos que guardam a sua legibilidade e conservam o texto cidadão em sua própria paisagem e também na literatura que impulsiona.

PASSAGENS PARA HOGWARTS: O LUGAR IMAGINÁRIO DO UNIVERSO HARRY POTTER

A função do irreal opera hoje a fluidez com que constitui novas imagens e é uma questão-chave naquilo que denominamos

⁶ Tradução livre de: À l'évidence du bonheur littéraire, celle de l'inspiration des citoyens. À l'éclat poétique de quelques livres l'incontestable émergence de certains lieux.

sensibilidade contemporânea. Desse modo, a partir da fenomenologia da imaginação de Bachelard (1993), a perspectiva reside em compreender a dimensão simbólica dos lugares e das paisagens e sua ubiquidade imaginária, como um caso da acentuação e da reinserção mítica no contemporâneo que desdobra-se na diluição das fronteiras entre a ficção e a realidade, lançadas pela narrativa literária e seus desdobramentos para reinventar o futuro e instalar o mágico no cotidiano.

A obra “Harry Potter” de J. K. Rowling é exemplar e a investigação empreendida no volume, intitulado “Harry Potter e a pedra filosofal” torna possível identificar um potencial mítico-simbólico atualizado em imagens contemporâneas e, ao mesmo tempo em que se vincula a tradições locais, sobretudo, portuguesas.

Esse modo de pensar conecta-se à ubiquidade imaginária da obra, mas também a um outro modo de viver o imaginário. Devanear, tem que ser o que se sonha e estar onde se sonha. Harry Potter é um fenômeno que contempla todas essas dimensões imaginárias e possibilidades tanto fenomenológicas como intersemióticas, além das inter-relações da literatura com o espaço vivido.

Certamente há muito de J. K. Rowling em Harry Potter, a criança que sobrevive, torna-se especial, transforma-se tal como no mito da criança maléfica descrito por Bachelard (1997, p. 76-77) uma criança maléfica é um ser que não pertence a fecundidade natural da terra e nesse mito, tais crianças eram abandonadas ao mar e quando estas eram devolvidas, ou seja, lançadas vivas de volta à praia e salvas, tornavam-se seres miraculosos. Harry Potter incorpora esse mesmo arquétipo do ser que sobrevive e torna-se o mais poderoso dos mágicos, mas isso não ocorre sem deixar-lhe uma cicatriz. A marca de raio em sua testa anuncia este poder e assinala o seu trajeto.

A obra inicia-se à moda de uma narrativa contemporânea, mas vai incorporando também, aos poucos, à estrutura dos contos

escoamentos e divisores de águas produzem transformações. A nossa época pós-moderna assistiria também esse escoamento em sua bacia semântica. Durand (1996) traz, num de seus mais belos textos sobre os campos do imaginário, intitulado “Psicanálise da Neve” e dedicado a Bachelard, justamente a abordagem da situação geográfica que levou Bachelard a esquecer a neve nos estudos sobre os devaneios inspirados pelas matérias elementares. Um texto a ser revisitado e que verdadeiramente aponta para preocupação central neste trabalho: qual será a função do imaginário na construção, apreensão e vivência do espaço para pensar caminhos metodológicos da relação geografia e literatura? E, nesta perspectiva, que espaços imaginários estão na obra “Harry Potter” de J. K. Rowling? Será possível ilustrar as sensibilidades culturais contemporâneas a partir da obra e que nos ajude a compreendê-la sob uma nova ótica?

DIFUSÃO HARRY POTTER: SINTOMAS DA CULTURA CONTEMPORÂNEA

Um fenômeno literário-midiático contemporâneo – a obra “Harry Potter” na sua relação com a cidade do Porto-Portugal é vista na construção da paisagem imaginária e em sua ubiquidade, consistência e significância. A narrativa realinha a jornada do herói ao ponto de criar uma empatia com o público, capaz de reduplicar a identidade deste com o personagem e multiplicar a paisagem imaginária. Assim, Harry Potter está em Londres, está em Porto-Portugal, está em São Paulo, está em Goiânia e está em todo mundo, multiplicado não apenas na literatura, mas no cinema, num conjunto de práticas e objetos, nos movimentos e eventos cosplay⁷, em que jovens se vestem

7 Cosplayers Harry Potter em evento cultural em Goiânia, vistos como novas sensibilidades culturais na metrópole. Imagens advindas da investigação do projeto, já concluído, intitulado: “De cidades planejadas a metrópoles contemporâneas: novas sensibilidades urbanas e transformações na paisagem em Goiânia, Brasília e Belo Horizonte”, com apoio financeiro do CNPq.

de personagens Harry Potter (Figura 5) para vivê-lo, não apenas como um estilo ou uma fantasia, mas como um modo de ser e pensar.

O fenômeno Harry Potter, bem como as espacialidades e temporalidades que se concentram na obra, configuram muitas formas possíveis de ubiquidade imaginária que predominam e marcam o período contemporâneo. Por exemplo, tal obra traz em seu escopo uma gama de lugares e temporalidades próximas e longínquas que se concentram no presente, um presente feito de encaixes e espaços-tempos, mas no qual o lugar e a paisagem – na forma de espaço simbólico e imaginário, por excelência, são o que contam tanto para o seu processo de criação como de recepção. J. K. Rowling utiliza na obra referência a lugares “reais”⁸ como a trama que, em tese, passa-se na Grã-Bretanha, mas hidrata-se de muitos lugares, fatos, lendas, história e narrativas. Todavia, o lugar imaginário por excelência parece ser, por elementos indiciáticos a cidade do Porto, que nutre toda a ambiência visual e simbólica do personagem e seu mundo. É neste espaço de ubiquidade imaginária – presente na literatura, em sua difusão e na própria cidade do Porto como um campo de imagens que respondem à sensibilidade contemporânea nos seus processos de criação e de recepção midiática.

As sensibilidades contemporâneas fazem da relação realidade-ficção um outro modo imaginário de ser, perceber e viver. Operamos hoje com as lógicas da ficção dos personagens que amamos. E certo que, em parte, essa forma de relação não é inédita, não é exclusiva do final do século XX e início do século XXI, pois como bem expôs Lima e Fernandes (2000, p. 9-10) a influência da literatura sobre a cidade

8 O que chamo aqui de lugar real não tem intenção alguma de fazer oposição/dualização real X imaginário. O imaginário está no real, é o real, o alimenta; assim como o real é imaginário em suas múltiplas dimensões ontológicas. Porém, nos falta uma palavra especial para designar os lugares físicos do globo terrestre, do atual mapa do mundo que são referentes na obra.

A cidade do Porto e Harry Potter: a paisagem imaginária
Valéria Cristina Pereira da Silva

do séc. XIX foi muito grande e significativa que Paris, por exemplo, intimamente ligada ao romance, era uma cidade nas quais as pessoas se moldavam a partir da literatura. Também poderíamos apresentar inúmeros exemplos da forma inversa: a cidade influenciando a literatura, como ocorreu em Londres, Paris, São Paulo, Rio de Janeiro, Porto, Lisboa etc. Mas ainda aqui falamos de influências, hoje, as convergências simbólicas do espaço imaginário – tanto “real”, como literário – operam uma verdadeira fusão, na qual os sujeitos passam a viver o mundo das obras em seus cotidianos, não apenas nas formas de consumo, como no exemplo Harry Potter, que movimenta bilhões em venda de livros, filmes, objetos etc.; mas na geração de ucronias⁹ – sujeitos que passam a habitar literalmente num espaço-tempo construído a partir dos seus personagens favoritos em suas ambiências, numa espécie de temporalidade alternativa que implica também um lugar ideal, como ocorre, por exemplo, no desdobramento da denominada literatura *Steam Punk*, que ficou compreendida como revolução do vapor, na qual os personagens saem das páginas dos livros para compor a paisagem das metrópoles contemporâneas em eventos diversos, em verdadeiras confrarias¹⁰ urbanas, que revelam a amplitude da ubiquidade imaginária da paisagem literária. Esse exemplo também acontece com o personagem Harry Potter, nos eventos cosplay, por exemplo, como novas formas de manifestação cultural presentes nas metrópoles, inclusive metrópoles brasileiras como São Paulo, ou mesmo Brasília e Goiânia. Assim, de acordo com Olalquiaga (1998), podemos dizer também que tais obras encerram-se num novo tipo de sensibilidade, a sensibilidade vicária – em que há participação imaginária estimulando os sentidos e as ações – e que atingem em massa o público, o sujeito que passa a operar com as lógicas da ficção, numa nova forma de relação e mutação na estrutura do sentido e do sentimento, tal como apresentou também Harvey (1992). Isso é a singularidade da nossa época que produz imagens, “imagens da imaginação”, conforme Bachelard (1993, p. 131). A velha oposição entre a realidade e a ficção perde força e parece tornar-se um caso de ubiquidade imaginária, os dois lados de uma mesma moeda num giro no qual não importa mais distinguir cara e coroa.

⁹ Ucronia, tomada aqui, como possibilidade de viver o tempo e o espaço da ficção.

¹⁰ Adotamos a expressão confraria em substituição ao usual conceito de tribos urbanas. Pois o conteúdo desses novos grupos parecem não se enquadrar mais nesse conceito. Pois vão além de comunidades e grupos estéticos e ideológicos, e acrescentam outras dimensões como temporalidades pretéritas ou fantásticas.



Figura 5 – Mosaico – Harry Potter em evento de animê. Em sentido horário: participante vestido com roupa inspirada no “universo Harry Potter”; dupla de participantes de concurso de cosplayer representando Dolores Umbrigde e Severo Snape, personagens da saga “Harry Potter”.

Fonte: G. F. Corcinio Junior, 2017.

A partir do conceito de paisagem e suas correlações com a tradição, a memória e imaginário descortinamos o universo cultural de influências como sistema de concepção, percepção e ação, conforme Berque (2012). Desse modo, a paisagem na literatura e paisagem do lugar são vistas e abordadas, não como dois elementos separados, mas sim correlacionados como parte de um mesmo processo perceptivo e imaginário. A partir da dinâmica da fluidez e da permanência no contato com o lugar revela-se uma geografia literária e sensível do mundo, onde a imaginação encontra a emoção através da paisagem e da geograficidade. Os espaços simbólicos inter cruzados da cidade são vistos na tessitura onírica da paisagem literária que considera as épocas memoráveis, personagens célebres, monumentos e imagens na sua linguagem plurissimbólica. O exame da paisagem como obra nas suas múltiplas relações culturais-literárias pode revelar o papel dessa influência afetiva, sinestésica da cidade e permite-nos transitar da teoria para os sinais de rua, conforme Olalquiaga (1998), da literatura para suas marcas e registros na cidade, reunir a pedra calcinada das ruas à imaginação que as forja e as recria incessantemente, sendo compreendida culturalmente como paisagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra "Harry Potter" de J. K. Rowling vista através das teorias do imaginário detém uma constelação de imagens que contempla as características do tempo presente, uma aventura que retoma os gêneros fantástico e maravilhoso numa narrativa contida de coisas aladas, flutuantes, espelhos mágicos e os reinstala no cotidiano do século XXI, interagindo com as novas sensibilidades emergentes. Harry Potter é uma obra de ficção contemporânea e ao mesmo tempo sintoma da cultura e da sensibilidade deste início de século e

milênio, pois o sucesso que a fantasia opera, sobretudo, nos jovens é midiático, mas não apenas. Perguntarmo-nos por que um bruxinho e um ambiente revestido da velha magia faz tanto sucesso? A imaginação negligenciada na modernidade, faz no contemporâneo uma retomada do mágico atualizando de modo célebre, exuberante e midiático tal sensibilidade. A diversas idades médias imaginárias ressurgem fantásticas como jamais o foram. Em que curva do caminho nos desprendemos das "Mil e uma noites"? Hoje os fios de Sherazad encontram os de Ariadne numa pós-modernidade além, a narrativa é a mosaicagem de tempos e espaços. Nessa configuração a obra de Rowling retém a essência de uma paisagem na sua construção de sentido. Isso parece ser o mais fundo da obra, muito mais que a semiótica do espelho de Ojosed – em Harry Potter – em que as imagens no espelho são os desejos manifestos do personagem e que, de certo modo, fazem ver as imagens da consciência, figurando a transformação do imaginário num imaginário constituído pelos espaços e tempos do devaneio. Ou seja, a partir da fenomenologia que seguimos, reconhecemos que os autores transferem a consciência dos espaços vividos para as obras.

Quanto à cidade do Porto, esta guarda sua própria magia e quem caminhar por suas paisagens pode ser tomado pelo sensualismo de suas cores, de seus sabores, de suas imagens. A cidade do Porto é uma paisagem de pontes, de edificações arqui-memoriais nas suas casas e edifícios com as paredes externas, por vezes, revestidas azulejos que ficam expostos aos passantes e cujas as cenas nos azulejos, cenas do passado, contam histórias. A paisagem detém o próprio tempo incrustado nas coisas em suas narrativas e nos seres estampados, como um céu refletido. A trama de telhados e torres tangem os horizontes. As ladeiras nos conduzem às portas abertas para o mar e para o mundo. Na Ribeira as gaivotas brancas e benfazejas passeiam

A cidade do Porto e Harry Potter: a paisagem imaginária
Valéria Cristina Pereira da Silva

tão singelas e sublimes como a flor das camélias no final da primavera. O odor das camélias está por toda parte, assim como os lençóis de flores pelo chão, nas calçadas, nas ruas, nos jardins, nas almas. Camélias brancas como as nuvens nas torres das Igrejas do Porto ou ainda vermelhas como o vinho frutal adormecido no perfume dos carvalhos. O Porto é uma cidade flutuante encrustada nos séculos e ao mesmo tempo subterrânea, marítima e aérea. Suas caves são o subterrâneo, suas águas de cristal nos levam ao mar e suas torres conduzem o nosso olhar para o céu. Porosa, o Porto é portal do tempo nos ladrilhos da lembrança, as casas antiquíssimas derramam-se numa trama de telhados sob céu, do alto para o baixo vastos como os ventos que cantam e varrem nossos corpos. Uma paisagem colorida em tons quentes, o vermelho, o amarelo, o laranja, a cidade estampa cores aquecidas, contrastada com o frescor azul do céu. O Porto é iluminado como um farol ao longe! Na noite alta, suas luzes são candeias de sentido. Acendem-se assim os seus segredos, suas praxes misteriosas... Encantos de anjos e bruxas, uma legião vestida de preto vem ao verde jardim, às praças, às ruas e contam estórias, histórias, segredos e filosofias. A alquimia está nas colheres-de-pau, nas escuras capas, nas fitas e noutras praxes. A magia está nos saberes: matemática, medicina e muitas artes. Os universitários descem a ladeira, calmamente, às margens da Ribeira... Os sinos tocam zunindo sinais nos azuis azulejos, a noite esvanece nos cristais de orvalho, nos odres de carvalho. Cidade Universitária de marchas, cadernos, de cravos, de penas e tinteiro, de ventos na noite entre o crepúsculo e a aurora estendendo seus ábacos escuros. O Porto é uma cidade tonal, tem o matiz dourado do vinho mais envelhecido e nele está a ourivesaria do tempo que canta suas alegrias. Essa paisagem é um feixe de luz num olhar estrangeiro e ao mesmo tempo um retrato, um Porto retrato visitado e sonhado. Quem caminhar pelo Porto há de encontrar também sua própria poesia,

todavia, as perguntas que ela nos deixa sempre serão maiores do que a nossa capacidade de resposta e sempre maiores do que aquilo que pode ser contido em qualquer outra obra, porque é ela mesma, a cidade, uma grande obra aberta e geradora de imagens. ☉

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A Chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BACHELARD, Gaston, **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo: Difel, 1985.
- BARRIO, Javier Martín del. Os segredos que Harry Potter escondeu em Portugal. **El País**. 23 abr. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/19/cultura/1492619423_228631.html>. Acesso em: 13 jul. 2020.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

A cidade do Porto e Harry Potter: a paisagem imaginária
Valéria Cristina Pereira da Silva

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (orgs.). **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

BERQUE, Augustin. Paysage-empreinte, Paysage-matrice: Eléments de problématique, por une géographie culturelle. **L'espace Géographique**, Tomo XIII, Paris, 1983.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARRETO, Carlos Fonseca Clamote. De Constantinopla a Avalon. Fragmentos de uma geografia metatextual. **Dedalus**, Revista Portuguesa de Literatura Comparada, v. II, n. 17-18, p. 1351-1384, 2013-2014.

CIPRIANO, Rita. Cinco lugares no Porto para lembrar J. K. Rowling (e Harry Potter). **Observador**. 30 de jul. 2016. Disponível em: <<https://observador.pt/2016/07/30/cinco-lugares-no-porto-para-lembrar-j-k-rowling-e-harry-potter/>>. Acesso em: 13 de jul. 2020.

CLAVAL, Paul. Paisagem Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (orgs.). **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

CONHEÇA inspirações de Harry Potter em Portugal. **Travelpedia, Destinos**, 10 de set. 2017. Disponível em: <https://travelpedia.com.br/inspiracoes-de-harry-potter-em-portugal/>. Acesso em: 12 de mai. 2018.

CONNOR, Steven. **Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DIEGUES, Antônio Carlos. **Ilhas e mares: simbolismo e imaginário**. São Paulo: Huicitec, 1998.

DURAND, G. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1993.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DURAND, G. **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

DURAND, G. **O imaginário**. Rio de Janeiro: Difel, 2004.

ECO, Umberto. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GEDEÃO, António. **Pedra filosofal**. António é o meu nome: Rómulo de Carvalho, Biblioteca Nacional, 2006. Disponível em: <http://purl.pt/12157/1/poesia/movimento-perpetuo/pedra-filosofal.html>. Acesso em: 18 de jul. de 2018.

GOMES, Cordeiro Renato. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

JAMESON, Frederic. **As sementes do tempo**. São Paulo: Ática, 1997.

JAMESON, Frederic. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 2000.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HOLZER, Werther. Paisagem, Imaginário, Identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (orgs.) **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

KIRINUS, Glória. Olhar estrangeiro e argamassa mito-poética. **Anais... Ciclo de estudos sobre o imaginário**, 13, Recife, 2004.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LASSMAN, Chelsea Greenwood. 10 ways Portugal inspired the magic of Harry Potter. **Fodor's Travel**, 28 de fev. de 2018. Disponível

A cidade do Porto e Harry Potter: a paisagem imaginária
Valéria Cristina Pereira da Silva

em: <https://www.fodors.com/world/europe/portugal/experiences/news/10-ways-portugal-inspired-the-magic-of-harry-potter>. Acesso em 12 de mai. 2018.

LYOTARD, Jean François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

MAFESOLI, Michel. **O Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MAFESOLI, Michel. **Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. (orgs.) **Geografia & Literatura: ensaios sobre a geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EdUEL, 2010.

MONS, Alain. **Les lieux du sensible: villes, hommes, images**. Paris: CNRS Éditions, 2013.

OLALQUIAGA, Celeste. **Megalópolis: sensibilidades culturais contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

PEDRO. Harry Potter e a Cidade do Porto, Portugal. **Travel with Pedro, Blog**, s/d. Disponível em: <http://www.travelwithpedro.com/pt/harry-potter-cidade--porto-portugal/>. Acesso em: 12 de mai. 2018.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas**. São Paulo: Senac, 2003.

PESSANHA, J. Américo Motta. Introdução – Bachelard: as asas da imaginação. In: BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo: Difel, 1985. p. 05-31

ROMANCINI, Sônia Regina. **Cuiabá: paisagens e espaços da memória**. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. A imagem e o imaginário da cidade paradigmática: uma leitura do espaço-tempo no filme Meia Noite em Paris. **Revista Internacional de la Imagen**. CG Publisher. Champaign, IL, USA. v. 2, n. 1, p. 51-63, 2015.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. O Circuit de Belle Dormant e a paisagem da ficção: o espaço e o tempo a partir do conto de Perraul., **Revista do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa**. ILC – Instituto de Literatura Comparada, Porto, Portugal, n. 33, p. 279-301, 2015.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. Viagem e memória em Veneza: o imaginário da cidade entre a água e os sonhos. **Revista Memorare**, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, v. 4, n. 2, p. 170-191, maio/ago 2017.

SHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

SMITH, Sean. **J. K. Rowling: uma biografia do gênio por trás de Harry Potter**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

TOMIĆ, Tomislav. Mapa do castelo de Hogwarts e arredores. In: LINLEY. Maps in children-s books. **Slap Happy Larry**. 16 mai. 2016. Disponível em: <<http://www.slaphappylarry.com/maps-in-childrens-books/>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: EdUEL, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: EdUEL, 2013.

WUNENBURGER, Jean-Jacque. **O imaginário**. São Paulo: Loyola, 2007.

Submetido em Setembro de 2019.

Aceito em Dezembro de 2019.